

1º Lugar na Categoria Poesia/Público Interno

Autora: Verônica Eulália de Medeiros

Aluna do Curso de Especialização em Dramaturgias Expandidas do Corpo e dos Saberes Populares
Centro de Formação em Artes/UFSB

SERTÃO NO PÉ

O nascimento de minha escrita
pulou de uma mangueira no açude,
subiu no pé de tamarindo,
andou num jumento pra pegar água,
nadou na corda puxada da canoa,
lambeu o sal da vaca,
tocou o triângulo na festa,
olhou a zabumba sendo tocada.

22 tios do pai. 10 da mãe.

No meio da mata,
brincando de casinha,
fogão de lenha na cozinha,
vovó e mainha.

Banho de piscina na coxia das vacas.
À noite, queijo de manteiga e de coalho na prensa.

Do pereiro, as galinhas.
Em cima da porteira,
histórias contadas,
histórias cantadas.

Marretada na cabeça do bode,
do porco,
da vaca.

É festa lá no sítio de São Fernando.
Mainha se junta às amigas pra fazer a buchada.
Agulha e linha na mão.
E não acabava.

Tanta lembrança vaga,
acho que eu adormecia,
porque não lembro o que mais tinha.

Chegava na cidade, numa era os pássaros,
Cruzeta e minhas cinco primas.
Noutra era a bicicleta, o dia inteiro em cima dela.
Dique, rio, cemitério.
Jucurutu, cidade bela.
Minha voinha emborcadinha sempre me criou muito bem,
me chamava de medonha.
Eu roubava o diário de minhas primas mais velhas,
corria tanto, mas sempre era pega.

Lembro que no carnaval painho e mainha
levantavam uma barraca dentro do rio.
E ali mainha fazia os peixes.
Peixe eu, vivia dentro do rio.